Quando a Abundância Não Basta: Safra Recorde X Estoques Finais Críticos!

Na esteira das altas de junho/26, o mês de julho/26 veio para intensificar e consolidar o movimento positivo, migrando as cotações para um novo patamar. Fatores técnicos e reposicionamento de fundos pesaram, mas o principal fator foi o descompasso entre expectativa e realidade na chegada do café brasileiro, agravado pela postura comercial mais cautelosa dos produtores e pelos baixos níveis de estoques globais. O mercado parece ter voltado a considerar os fundamentos que, nos últimos seis anos, geraram uma forte restrição de estoques devido a sucessivas adversidades climáticas. O relatório global do USDA, publicado em julho/26, confirma que a recomposição dos estoques a níveis mais seguros exigirá mais do que a produção global recorde já prevista para este ciclo (2026/27). Nesse contexto, o mercado se mantém sensível a quaisquer fatores que possam afetar o abastecimento, sobretudo à ameaça climática representada pelo El Niño. Ainda assim, o cenário segue demandando cautela diante determinados riscos de correção que merecem atenção: eventuais sinais de melhora no ritmo de chegada do café brasileiro ao mercado com consequente aumento no fluxo de exportações; possibilidade de correções técnicas após a forte valorização recente; eventual mudança de postura dos fundos especulativos; aproximação da safra de outras origens como Vietnã e Colômbia; oscilações cambiais e incertezas no cenário macroeconômico e geopolítico; e, até mesmo, a possibilidade de um cenário climático (ainda muito incerto) mais favorável, o que também poderia alterar a trajetória recente dos preços.

Fatores altistas: Estoques globais permanecerão críticos ao final do ciclo 2026/27: dados do relatório do USDA apontam que os estoques finais, estimados em 26,283 milhões de sacas, representarão apenas 14,62% do consumo global, projetado em 179,736 milhões de sacas, patamar insuficiente para cobrir dois meses de consumo mundial. / Retomada no aumento do consumo: O USDA projeta um crescimento de 3,62% na demanda global entre os ciclos 2025/26 e 2026/27, elevando o consumo mundial a um recorde de 179,736 milhões de sacas. / Atraso da colheita brasileira: Safras & Mercado indica que, até 05/agosto, apenas 84% da safra havia sido colhida (77% arábica e 99% canéfora), um ritmo mais lento tanto em relação a 2025 (94%) quanto à média dos últimos cinco anos (90%). / Perda de qualidade e volume: o excesso de umidade durante a colheita prejudicou a safra brasileira em dois aspectos: na qualidade, com mais café de chão e menor volume de qualidade e, na quantidade, com relatos de inúmeros técnicos e produtores a respeito de dificuldades para recolher todo o café de varrição. / Reajuste negativo em estimativas iniciais: já existe uma ou outra revisão negativa em previsões da safra brasileira 2026/27, tal como exemplo, Safras & Mercado que, coerentemente, revisou sua estimativa de 75,65 milhões de sacas para 73,85 milhões. / Ameaça do El Niño: ainda que nunca haja certezas quanto ao clima, a consolidação do El Niño intensifica o receio climático no mercado, com riscos de anomalias em várias origens produtoras e ameaças opostas, com excesso de umidade (Sul de Minas) e seca (Bahia, Espírito Santo, Vietnã, Indonésia). / Estoques certificados na ICE Futures US em queda acentuada: 264,179 mil sacas ao final de julho/26 vs. 377,465 mil sacas um mês antes vs. 770,621 mil sacas um ano antes. / Reposicionamento comprador dos fundos: após atingir a mínima de 6.176 em 06/junho, o saldo líquido comprado dos fundos subiu para

24.855 contratos em 04/agosto. / Fatores técnicos: o movimento de rolagem entre os vencimentos de setembro/26 e dezembro/26 provocou intensa recompra de posições vendidas, acentuou o spread entre os dois vencimentos cujo padrão segue em backwardation e, aliado ao rompimento de níveis técnicos relevantes, potencializou a valorização das cotações. / Acumulado das exportações brasileiras até o mês de julho/26: no acumulado dos sete primeiros meses deste ano, o Brasil, exportou 20,897 milhões de sacas, uma queda de 5,9% com relação ao mesmo período de 2025. / Queda das exportações brasileiras de junho/26 para julho/26: as exportações brasileiras apresentaram uma queda de 3,09 milhões para 3,03 milhões de sacas. O presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, comenta que o atraso na colheita e a continuidade dos gargalos logísticos nos portos brasileiros e seus entornos fizeram com que o volume de exportação de café do Brasil não avançasse como o esperado em julho. / Dólar enfraquecido: o ligeiro enfraquecimento do dólar no decorrer do mês de julho, desestimulou as exportações e pressionou as cotações do café nas principais Bolsas do mundo.

Fatores baixistas: Safra global recorde: Em seu mais recente relatório global, o USDA estima a safra 2026/27 em 189,667 milhões de sacas, um incremento de 10,837 milhões de sacas na comparação com o ciclo anterior, que culminará em um superávit de 9,931 milhões de sacas para o atual ciclo. / Maioria das origens produtoras com incremento: De acordo com o USDA, dos oito maiores produtores de café do mundo, que representam mais de 80% da produção global, no ciclo 2026/27, com exceção da Indonésia e da Índia, todos terão acréscimo de produção (Brasil, Vietnã, Colômbia, Etiópia, Uganda e Honduras). / Exportações brasileiras do mês de julho/26: no primeiro mês do ciclo 2026/27, o Brasil embarcou 3,03 milhões de sacas, um acréscimo de 9,9% em comparação com o mesmo mês do ano passado. / Alargamento dos diferenciais de base: com exceção dos cafés mais finos, em especial os CDs, a alta de NY não foi repassada integralmente ao mercado interno, refletindo o diferencial de base, que se alargou em até -20,00 cents/lb contra a cotação da Bolsa de NY no decorrer do mês de julho. / Queda do Dólar contra o Real: em contraste com o estímulo altista das cotações nas bolsas, no mercado físico interno, o enfraquecimento do Dólar contra o Real, que iniciou julho próximo de R$ 5,20, para depois encerrar o mês em R$ 5,08, impôs uma pressão adicional ao preço da saca de café. Instabilidade econômica e incertezas geopolíticas: ambos aumentam a volatilidade geral dos mercados, o que pode ampliar as oscilações de preço do café tanto positivamente como negativamente, a depender do apetite ou da aversão ao risco que geram nos fundos de investimentos e especuladores. O prolongamento dos conflitos no Oriente Médio e o cenário mais desafiador para os preços de alimentos seguem estimulando a inflação, o que coloca os bancos centrais em situação difícil e mantém a tendência de política de aperto monetário global por mais tempo. O diferencial entre a Selic e os juros americanos influencia diretamente o fluxo de capital e o câmbio, sendo que juros mais altos nos EUA tendem a fortalecer o dólar e pressionar as commodities para baixo, enquanto uma Selic elevada pode valorizar o real e desestimular as exportações brasileiras. Por outro lado, esse ambiente de instabilidade, pode ocasionar aversão ao risco por parte dos fundos de investimento, levando-os a liquidar suas posições em ativos de risco, como o café, exercendo pressão sobre suas cotações.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

É difícil imaginar uma safra global recorde sem queda das cotações. Porém, é preciso considerar que existe um forte contrapeso para este fator: os níveis de estoques críticos que, aliados à recuperação do aumento da demanda, seguirão insuficientes para sequer dois meses de consumo ao final do ciclo que se inicia. O mercado de café segue em um momento de ***tensão entre dois fundamentos opostos****: de um lado, uma safra global recorde (189,667 milhões de sacas, USDA); de outro, estoques mundiais extremamente críticos (14,62% na relação estoque/consumo, USDA), insuficientes para cobrir dois meses de consumo global. Essa combinação torna o mercado volátil e de difícil leitura direcional, por isso, a estratégia recomendada não é "apostar" em alta ou em baixa, mas se proteger nos dois sentidos. O cenário pede equilíbrio: nem euforia de guardar tudo esperando novas altas, nem pressa de vender tudo por medo de queda. A combinação de venda parcial escalonada com proteção de preço mínimo segue sendo o caminho mais coerente para captar o potencial de alta (estoques críticos e retomada da demanda) sem ficar exposto ao risco de baixa (safra recorde e avanço das exportações no segundo semestre).*

Varginha, 10 de agosto de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé